

Muito obrigado pela sua “espécie de carta” do passado dia 31 de Julho aquela que fez inúmeras fotocópias para distribuir aos interessados (será que os há?). Esta carta, embora com evidentes traços de nervosismo, é um verdadeiro frescor; mas dos bons. Tive imenso prazer na sua leitura e não imagina o quanto me fez bem. E porquê? Porque não posso deixar de lhe responder e para tal tive que retomar algumas reflexões desenvolvidas antes do evento do Reverso do Olhar. Essas reflexões dar-lhes-ei de seguida, escalonadamente, em forma de letras redondas compostas. Ora vamos lá, retomando os temas da sua carta do final para o princípio.

Termina a carta em torno das **fontes** e suas distâncias. Diga-me, por favor, qual é a fonte que se refere? Se a fonte for a ideológica, em torno do surrealismo, devo-lhe lembrar que os textos capitais encontram-se impressos e por aí disponíveis e as suas distâncias correspondem exactamente aquelas entre a minha cadeira de leitura e a estante livreira de minha casa. Toda a cultura livresca que sustenta a ideologia surrealista eu tenho-a diária e felizmente à mão. A secura da fonte que o Cruzeiro Seixas se refere parece-me antes apropriar-se aqueles que dependem dos olhos quando a imaginação está desfocada, será? A esses sim deve indicar o caminho da fonte. No entanto ela não seca; pode antes cair em esquecimento. A MINHA FONTE É O AMOR e essa fonte não seca. Sei que é também a sua fonte mas porque insiste serem longínquas no tempo e em estado de secura? Como explica as fontes de Bosh, Fourrier, Sade, Baudelaire, Rimbaud, Cruz e Sousa, etc ... e portanto anteriores ao Surrealismo Histórico? A que distância, na sua definição de fonte, encontram-se as destes libertadores do amor?

Afirma que não gosta dos meus **processos**. Quais processos se refere e diz conhecer tão bem em mim? Sempre que me fala nos meus processos, sinto que existe na sua definição de processo um tom materialista decadente. Não me admira, pois tudo o que o Cruzeiro Seixas cria é suceptível de materialização monetária ou comercialização em linguagem moderna. Tudo o que escreve, desenha ou pinta pode ser transformado em capital. Será que por isso diz o Cruzeiro Seixas conhecer bem o processo? Se assim é, não se refere com certeza ao meu processo, pois tudo o que crio não vale economicamente um xavelho. Tudo o que faço é desinteressado de materialismos. O mais singelo dos meus actos encontra no amor o seu lugar. Eu tenho consciência que aos meus gestos e projectos falta vastidão e longevidade mas luto para que não sejam gestos falhados e luto para que tenham envergadura. Este sim, é o meu processo. Sinto-me e encontro-me à altura de uma situação excepcional que é o amor. Sinto-me como uma das testemunhas no quadro de Max Ernst que assistem ao castigo do Menino Jesus por parte da Virgem. Embora tenha reconhecimento dos amigos, dos meus e dos que também são seus, não tenho intenções de projecção pessoal nem económica. Todos os meus gestos são à minha custa tanto no trabalho e labor como no plano monetário, sem um centímo de bolso alheio.

Adiante. Escreveu o Cruzeiro Seixas “... enquanto estiver vivo engordarei amorosamente os **mal-entendidos** ...”. Para si, Cruzeiro Seixas, tudo isso não passa de um jogo ou de um passatempo, não é verdade? Tenho receio que assim seja, mas descansa, que enquanto o Cruzeiro Seixas atinge estados de obesidade desmesurada com tanta engorda, eu continuo a construir os barquinhos para subir a corrente. Eu ainda sigo as máximas de Breton; lembro-me agora desta: “... viver e deixar viver é que são as soluções imaginárias. A existência não está aí.” (Primeiro Manifesto do Surrealismo, 1924). Como constata a fonte não está seca muito menos distante. Lembre-se da atitude

tomada por Rimbaud em relação a Baudelaire em que os maltratados, aqueles em que se deposita a maior fé inicial, são aqueles de quem mais se espera. A sua forma de criação e alimentar mal-entendidos é antes uma prova de impossibilidade de colocação do debate a uma escala menor. E esse jogo de engorda não é mais que um mau estar dos tempos em que vivemos. Entendo também que provoca e alimenta os mal-entendidos porque eles lhes dão lugar à imaginação, são para si uma fonte de prazer e satisfação. Mas não será isso antes um síndrome de fraqueza ou falta de mecanismos mentais úteis ao desencadeamento da imaginação? Não serão eles antes o abandono e o abraçar a um destino sem luz?

Para finalizar, o primeiro de todos os temas com que inicia todas as suas cartas: as constantes incursões, lembranças e colaborações ao Mário Cesariny, Mario Henrique Leiria, António Maria Lisboa, Edouard Jaguer, José Pierre, etc... Interpreto tudo isto como um apelo a entidades superiores para afirmar o seu surrealismo, o que produz e com quem produz. No entanto dá provas de turbulências deslocadas. Como tal, eu também acho bem estar o Cruzeiro Seixas independente de mim. Eu também quero manter a independência total ao seu surrealismo. Assim como o fizeram o Cesariny, o Pedro Oom e todos os outros da sua e seguintes gerações. Os depoimentos que o Cruzeiro Seixas e eu partilhámos não foram mais que pontos de intersecção das nossas linhas evolutivas e independentes. Nada mais. Mas acredite que da minha parte, esses pontos foram puras manifestações minhas de amizade por si e amor ao surrealismo. Devo-lhe toda a minha gratidão por essa independência. No entanto, se estivesse atrelado ao seu surrealismo, ainda hoje estaria à espera de resposta ou autorização sua para organizar um evento como o de Coimbra 2008. Talvez aí, não me acusaria de tomar as suas ideias, como o faz a toda a hora (gostava de saber como e porquê, se não temos epistolografia ideológica trocada a este respeito). É verdade e não esqueço que foi o Cruzeiro Seixas quem me deu o impulso final à exteriorização de toda a minha energia interior acumulada – isto em 2006. Terminando, lembre-se Cruzeiro Seixas que na FONTE o Breton escreveu “O SURREALISMO É O QUE SERÁ”. Não queira transformar nem inverter o sentido desta frase histórica quando faz propaganda às colaborações em torno do seu surrealismo. Todos nós estamos cansados de saber com quem colaborou e de quem teve a adesão. Subentende-se alguma vaidade, palavra que o Cruzeiro Seixas não gosta de utilizar no seu vocabulário, mas que indirectamente se alude a ela. Negar a vaidade é uma forma de vaidade.

Cruzeiro Seixas, por favor não tome esta minha carta como um ataque pessoal – nada disso, não é isso que pretendo, mas antes um contributo ou como prefere utilizar a expressão, *um depoimento* útil ao desenvolvimento das nossas linhas independentes. Como tal, não necessito de fazer cópias para as partes interessadas, como refere, porque se eu o fizesse seria um sinal de decadência imaginativa e necessidade de apoios exteriores e justificadoras do que escrevo.

Os melhores votos do

miguel de carvalho

Post scriptum: anexo-lhe um documento que escrevi para a solicitação do Grupo do Movimento Surrealista de Paris, o meu parecer e balanço do que foi e poderá ser o reflexo da exposição de Coimbra O REVERSO DO OLHAR.

Figueira da Foz, 8 de Julho de 2008



DSO

O REVERSO DO OLHAR

balanço analítico, perspectivas ou realidades futuras?

Abierto el camino de la libertad por la poesía, se establece automáticamente su acción subversiva

(Aldo Pellegrini)

A elevada quantidade de obras expostas em Coimbra, de 3 de Maio a 28 de Junho de 2008, foi tradutora de uma subversão ao estado da Arte, da História da Arte e do mercantilismo em torno da Arte. Uma subversão às modas artísticas, aos estilos, aos *ismos* ou a qualquer tentativa de contextualização histórica. Não se tratou de uma *acrochage* por não estar associado a uma manifestação.

A exposição apresentou um ambiente próprio em pleno delírio, onde um espanto geral e não localizado, traduziu todo um conjunto de forças capazes de descomprometer a quantidade de obras expostas a um sentido “não-poético” (poético é um *pink ice cream*, como me confessou o amigo Sergio Lima) ou melhor, a uma poesia, uma subversão. A grande afluência de participações, desde as gerações mais idosas (com mais de 80 anos) às mais jovens (em torno da vintena), traduziu também o reverso dum olhar distinto ao mundo, um olhar não conformista com um sentido de marcha declaradamente libertário em todos as direcções da interioridade. A enormidade da exposição tem haver antes com a organização do evento com o fim anunciar, alcançar vozes e seguir outros caminhos. Os seus reflexos, são uma negação aos Deuses e *uma redução à sua expressão mais simples que é o amor* (André Breton). As linhas mestras das acções surrealistas que o Reverso do Olhar apresentou sobre o surrealismo actual, foram independentes a qualquer balização de tempos históricos e a conjunturas socio-políticas. Provam antes que entre os membros do movimento existem tempos de acção e intervenção surrealista. Provam que o poeta é a expressão libertária do ser vivo nos seus combates e nas suas defesas, independentemente do modo como se exprime. Essa é a posição que resiste a todos os tempos e que delinea os rumos e o projecto surrealista. Provam também, e sobretudo, que não se arrumam nomes e

01.84.19

2

obras em prateleiras enciclopédicas, porque a poesia e amor têm o corpo da liberdade e o tempo de uma cama. Liberdade e tempo são a estante e o amor as prateleiras que define toda a estrutura. *Se se traçou um círculo é que, para lá das Montanhas, ninguém acende o fogo que nos leva à caminhada nocturna, e se emprego o plural quando digo caminho é porque, quando se anda um dia inteiro, "on est seul, avec tout ce que l'on aime"* (Mario Cesariny – *A Intervenção Surrealista*, Editora Ulisseia, 1966).

As ausências nas participações de indivíduos ou de grupos surrealistas (alguns portugueses, franceses, belgas, o grupo da Turquia, de Praga, de Londres, de Atenas, de Madrid, etc...) no Reverso do Olhar, em pleno coração da cidade estudantil, também foram tradutores do estado e das linhas de acções do surrealismo actual, na medida em que difere do que foi outrora o mesmíssimo movimento surrealista. Os mecanismos e as rodas dentadas deste movimento, embora perpétuo, não rodam todos no mesmo sentido. Contudo accionam e alcançam todos os horizontes possíveis do belo, do sublime e do maravilhoso. Importa não limitar estes horizontes. Importa garantir a cada surrealista uma vida plena e honesta em liberdade. Importa defender a harmonia que o projecto surrealista empreende no plano da poesia e do belo, contra todas as tentativas de alienação e destruição por parte dos miserabilismos da sociedade. Este projecto está bem presente no Reverso do Olhar, destacando-se o seu acordo geral, restando pouco ou nada do lado da tradicional esperança revolucionária. Mudar a própria vida de cada um, ou a vida alheia, continua a ser possível e a transformação do mundo far-se-á então ao encontro da surrealidade.

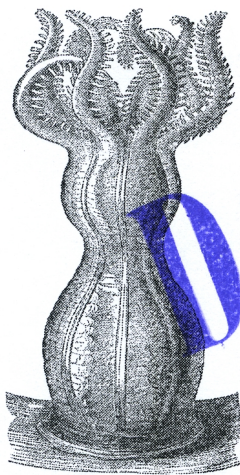
A proximidade linguística existente entre “revolução” e “revelação”, demonstra que toda a verdadeira poesia constitui uma iniciação, um ascetismo e não uma arma crítica ou um objecto de escândalo como o foram no Dada e em boa parte no Surrealismo Histórico. Tudo indica que no Surrealismo Actual, e nisso se constata uma vez mais no Reverso do Olhar, o processo poético remete para um combate onde indivíduos se reconhecem nas suas próprias exigências e na procura poética e não numa acção colectiva através de grupos, estes em parte já adulterados pela História do Surrealismo. É essa a ideia de combate em cada surrealista, movida pela paixão e lucidez da criação poética. Não é um combate em nome de, ou por, um princípio. Os princípios tendem a ser cépticos e negativos. No Reverso do Olhar, cada surrealista demonstrou que no actual movimento surrealista, urge salvar e manter bem vivo o que de mais profundo, de mais comovente e o

que de mais apaixonante pode encerrar a imaginação de cada um. Afirmar que este poder de transformação se ergue diante da loucura capitalista actual (o mesmo poder que outrora se erguia diante ditaduras políticas), é o mesmo afirmar que o desejo e a realidade de cada surrealista no *écart absolut* permite experimentar o que pode ser o fascínio e a própria *tentação de hoje em dia*, abrindo o caminho interior de cada um.

Diante do que se mostrou neste evento, desde os livros, os objectos, as esculturas, os poemas, as fotografias, as pinturas, os desenhos, as artes gráficas e as collages, diante tamanha obra, os critérios que presidem actualmente à apreciação artística por parte de “especialistas” e “académicos” são irrisórios. A arte actual manipula-nos com a futilidade das coisas que nos rodeiam e abandonou o que nos norteia e condiciona profundamente. Mas o que nos trousseram 130 surrealistas universais, permitiu-nos desde o primeiro instante e a partir do seu interior na sua plena força, experimentar esta viagem de míticas buscas em torno da encarnação do poema e em torno de um fogo cujas chamas são maiores que a fogueira.

UNIVERSIDADE
DE ÉVORA

miguel de carvalho
coimbra, 22 de julho de 2008



dEbOUT sUr l'OEUF
a/c miguel de carvalho
revista internacional de surrealismo

rua ferreira borges, 175 - 1º
3000-180 coimbra
Portugal



dEbOUT sur l'OEUF
REVISTA INTERNACIONAL de suRREALISMO
a/c miguel de carvalho
rua ferreira borges, 175 - 1º
3000-180 coimbra
portugal

e-mail: miguel-carvalho@livro-antigo.com
tel: 00351 239 826014



UNIVERSIDADE
DE ÉVORA

01-84.19
Guzerin Seixas
Av. Condes de Barcelona
nº 1111
2765-470 Estoril



a/c miguel de carvalho
debout sur l'oeuf
revista internacional de
surrealismo

rua ferreira borges, 175 - 1º
3000-180 coimbra
Portugal

Cruzeiro Seixas,

Aqui lhe envio as minhas duas últimas produções DEBOUT SUR L'OEUF ou DE PÉ SOBRE O OVO como preferir. São 2 poemas em torno da amizade que eu e o Allan Graubard temos estabelecido desde há 4 anos.

Também lhe envio um pacote com livros e impressos que o poeta Rodrigo Hernandez do Grupo DERRAME no Chile (grupo em torno do Aldo Alcota, que bem conhece e tem obras em suas paredes) me pediu para lhe entregar depois do término da exposição de Coimbra. Se lhe quiser agradecer, aqui o endereço pois parece-me que o Artur não o tem:

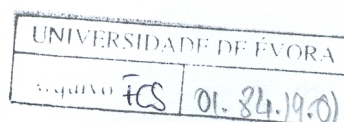
Rodrigo Hernandez
Eduardo Castillo Velasco 503
Ñuñoa, Santiago de Chile
Chile

Tenho tantos projectos do plano da surrealidade que gostaria de os partilhar consigo ... para não falar que eu e todos os amigos gostariam de ver o Artur incluído.

Espero que todos os mal entendidos estejam esquecidos, pois a vida é uma passagem. Que tristeza a partida do nosso querido Manolo ...

miguel de carvalho

Coimbra, 21 Julho 2008



01-84.19.01

para Arthur Cruzeiro Seixas

entrega

gentileza

de Miguel de Carvalho.



UNIVERSIDADE
DE ÉVORA

crece el tiempo
crece el espacio
crece la timidez
crece la verdad
crece el espíritu
crece la POESÍA
crece el Hombre.